

**LA LIBERTAD DE EXPRESIÓN Y REPRESENTACIONES SOCIALES DE DIBUJOS
HUMORÍSTICOS EN LA PRENSA Y EN EL CIBERSPACIO: UN ESTUDIO DE CASO
"JE SUI CHARLI"**

**T The Freedom of Expression and Social Representations of cartoons in the press and on
the Internet: A Case Study "JE SUI CHARLI"**

*Recibido: 19 de Abril 2015
Aprobado: 12 de Mayo 2015*

Ricardo Shitsuka

Universidade Federal de Itajubá / Brasil

ricardoshitsuka@unifei.edu.br



Doutor em Ensino de Ciências. Mestre em Engenharia. Pós-graduado em Tecnologias Educacionais. Líder do Grupo de Pesquisas em Ensino e Aprendizagem em Ciências – MEAC. Professor Adjunto na UNIFEI – Itabira. Tutor de EAD no PIGEAD/LANTE/UFF. Avaliador de cursos institucional para o INEP/MEC.

Priscilla Chantal Duarte Silva

Universidade Federal de Itajubá / Brasil

priscillachantal@unifei.edu.br



Doutora e Mestre em Linguística e Letras. Membro do Grupo de Pesquisas MEAC. é Professora Adjunta da Universidade Federal de Itajubá, na área de Comunicação e Expressão e Metodologia de Pesquisa, nas Engenharias. Gradou-se em Letras com Habilitação em Português / Inglês, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em 2005 e obteve o título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela mesma instituição, em 2008. Em seu mestrado, estudou, na Análise do discurso e na Filosofia da Linguagem, a intencionalidade da mente, com um enfoque na intencionalidade discursiva em charges políticas, visando identificar a direcionalidade semântica nesse gênero textual. Em 2013, concluiu doutoramento em Linguística e Língua Portuguesa, também pela PUC-MG, investigando a relação da leitura com os processos mnemônicos, em pacientes com Alzheimer.

Gustavo Miranda Guimarães

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUCMINAS

Brasil

gustavoguimaraes@pucminas.br



Doutorando em Literaturas de Língua Portuguesa, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMINAS). Mestre em Letras. Professor Assistente na PUCMINAS. Possui graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1999). Atualmente atua como assessor na área de língua portuguesa na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente com

produção e revisão de textos acadêmicos e institucionais, bem como na área de análise do discurso.

Resumen

El género de los dibujos animados siempre se le asignó los periódicos y más recientemente por el ciberespacio como una especie de interfaz entre el entretenimiento humorístico y noticias. La crítica de la sociedad forma parte de la constitución del género, que se ocupa de las cuestiones cotidianas que generan debates sobre tiempos polémicos. El objetivo de este estudio es analizar la luz de la teoría de las representaciones sociales del caso "Je sui Charli" para ver cómo las caricaturas en los periódicos y en el ciberespacio acuerdo con la libertad de prensa, la ética y la forma de creencias y revelan cierta intencionalidad colectiva ante hechos todos los días. Para ello, se definió la base teórica de las representaciones sociales de Moscovici (2009) y Jodelet (2009), el papel del humor como la crítica social y la intencionalidad colectiva. Como enfoque metodológico, hubo un estudio de caso sobre el acto terrorista que mató a diario 12 caricaturistas Charlie Hebdo en Francia en 2015. El estudio de las consecuencias del hecho en el análisis de las caricaturas sobre el modelo teórico indica que la libertad de prensa se ha visto sacudido por cuestiones políticas para que el género era vista como una fuente de la revelación de las creencias sociales, mientras que el humor sarcástico dio paso a la discriminación. Se concluyó que las caricaturas ambos periódicos y de Internet son géneros capaz de revelar, detrás de la libertad guión, creencias sociales, así como la intencionalidad colectiva desde el momento en que parece traducirse en una forma intenciones pre-juzgadas de un personas.

Palabras clave: Dibujos humorísticos, Las representaciones sociales. Libertad de prensa. La intencionalidad colectiva, la cibercultura, el espacio virtual.

Abstract

Humorous gender drawings is been assigned by newspapers and more recently by the cyberspace as a kind of interface between the humorous entertainment and news. The critique of society is part of the genre's constitution, which deals with the everyday issues that generate discussions on controversial times. The objective of this study is to discuss the light of the theory of social representations the case "Je sui Charli" to see how the cartoons in newspapers and in cyberspace deals with press freedom, ethics and how to reveal beliefs and certain collective intentionality before facts. For this, we defined the theoretical basis of social representations of Moscovici (2009) and Jodelet (2009), the role of humor as social criticism and collective intentionality. As methodological approach, we used a case study about the terrorist act that killed 12 cartoonists newspaper Charlie Hebdo in France in 2015. The study of the aftermath of the fact in the analysis of the cartoons on the theoretical model indicates that press freedom has been rocked by political issues so that the genre was seen as a source of revelation of social beliefs, while the sarcastic humor gave way to discrimination. It was concluded that the cartoons both newspapers and internet are genres able to reveal, behind the dash freedom, social beliefs, as well as a collective intentionality from the moment that seems to translate in a way pre-judged intentions of a people.

Keywords: Cartoons, Social representations. Press freedom. Collective intentionality, cyberculture, virtual space.

Introducción

No dia 07 de janeiro de 2015, dois homens vestidos de preto, encapuzados e armados com fuzis automáticos abriram o fogo na redação de Charlie Hebdo, revista de humor de grande circulação na França, em plena reunião de pauta, aos gritos de "Allah akbar" (Alá é grande). Mataram 11 pessoas na sede do jornal e um policial na saída, antes de fugirem de carro rumo à zona nordeste de Paris, onde trocaram de veículo ao render um motorista.

O caso chocou o mundo e reações comovidas de solidariedade às vítimas tomaram conta de vários locais de Paris com o lema "je suis Charlie" (Sou Charlie) espalhado nas ruas e nas redes sociais. Durante a noite, mais de cem mil pessoas manifestaram na França, segundo os jornais, a favor da liberdade de expressão.

Charlie Hebdo trata-se de revista de humor que fez muitas charges sobre assuntos polêmicos como religião associado à política. Já fez piadas envolvendo personalidades como é o caso do Papa, Virgem Maria e Maomé, um dos profetas do Islamismo. Desde então, a revista vem sofrendo ameaças de terrorismo em função de suas charges e que posteriormente foram exibidas no ciberespaço. No caso da religião muçulmana, se sabe que há um princípio que diz que o Profeta Maomé não pode ser retratado, de forma alguma. Esse é um preceito central da crença Islâmica, e desrespeitar isso desrespeita todos os muçulmanos. Logo, é proibido fazer desenhos, esculturas ou qualquer representação de figuras sagradas. Em geral, isso se torna uma

ofensa pelo fato de a mídia ocidental usar figuras envolvendo a imagem do profeta Maomé, ainda que de forma humorística. Tudo levou a crer que esse tenha sido o principal motivo do ataque, embora alguns discutam que vários muçulmanos imigrantes na França sejam tratados à condição de cidadão de segunda classe, sendo vítimas de preconceitos e exclusões.

Pode-se dizer que houve um caso de intolerância somado a uma emoção coletiva em defesa aos cartunistas mortos, que ficaram conhecidos na mídia como “mártires da liberdade de expressão”. Sob esse aspecto, a proposta deste estudo consiste em discutir a liberdade de expressão dos cartunistas pelo humor e analisar o estudo de caso “Je sui Charli” à luz da teoria das representações sociais de Moscovici e Jodelet, a fim de verificar de que maneira as charges representam crenças sociais e revelam por meio do humor críticas, muitas vezes estereotipadas de um povo, como também essas representações estão atreladas a intencionalidades coletivas.

O gênero charge e representações sociais

A charge é um gênero discursivo bastante utilizado nos jornais impressos e na Web. Em princípio, sua função é revelar por meio do humor críticas à sociedade, muitas vezes, de natureza política. Em geral, as charges constituem-se modelos textuais compostos por multimodalidades, o que as tornam um gênero complexo. Ao interpretá-la, o leitor precisa levar em conta todos os aspectos multimodais, seu caráter referencial e argumentativo na tentativa de produzir sentido lógico e coerente com a situação social a qual estão atreladas.

“O surgimento da charge deve à história da caricatura, os princípios que as identificam como gênero de sátira e humor” (Silva, 2008). Tem-se conhecimento que os modelos caricaturais vêm desde os tempos egípcios, os quais a caricatura carregava a carga satírica contra os poderosos, numa forma de não mostrar explicitamente a verdade face do alvo criticado. Na maioria dessas charges, a religião e a realeza eram ridicularizadas por abusos de poder e atitudes

morais, sob a figura de animais, uma estratégia de ridicularização. Com o tempo, contudo, a caricatura foi se aproximando à imagem mais próxima do real, podendo ser percebida, ainda que de forma exacerbada e distorcida a imagem à qual se refere a charge. De acordo com Lima (1963), a caricatura pode ser vista também como representação de revolta e/ou crítica frente às questões políticas, econômicas e sociais da humanidade.

O caráter efêmero das charges a aproxima do gênero notícia, uma vez que também d(e)nuncia certo fato político-social. Portanto, as charges vinculam-se a esse fato ao mesmo tempo em que revelam a crítica sobre ele.

De acordo com Maringoni (1996), os jornais têm buscado revelar denúncias, levando o leitor para além da informação. Assim, sabe-se que a informação não é neutra de intenções, sendo muitas vezes não tão imparcial como se imagina. Segundo Silva (2008, p.86), “nas seções de opinião, o jornal torna uma dimensão ainda mais subjetiva, num terreno em que a opinião dada pode refletir e refratar uma ideologia seguida de um ponto persuasivo”. Sob esse aspecto, as charges transformam-se em armas sociais e por meio da opinião coloca na liberdade do traço certa orientação argumentativa, juntamente com intencionalidade da generalidade da crítica. Os recursos multimodais trazem às charges um direcionamento de sentido na relação entre texto verbal e imagético. Em outros termos, para interpretar as charges, o leitor precisa entender o domínio discursivo que tem como principal regente a sátira construída das mais diferentes formas.

Além de informar e criticar os fatos, as charges carregam consigo crenças que circulam na sociedade, uma vez que ao exporem opinião crítica, tanto do ponto de vista social, quanto do próprio ponto de vista do cartunista revela o modo de percepção do mundo.

A forma de representa-lo por meio da crítica implica em representações sociais. Algumas dessas representações ultrapassam do vínculo com a realidade dos fatos e cria-se uma nova realidade. Assim, as charges lidam em parte com questões do mundo real, isto é, o vínculo com os fatos do cotidiano, seja de natureza política, econômica ou social, e em parte com um mundo construído pelo cartunista, pois o desenho lhe permite criar imagens, situações e acontecimentos muitas vezes inexistentes. Cria-se, portanto uma espécie de simulacro do real, uma imagem a partir do olhar do cartunista sobre os fatos ao qual a charge está vinculada.

No aspecto semiótico, o cartunista tem a liberdade de dizer o que normalmente não se diz na notícia ou em outro gênero, tem a liberdade de construir relações de sentido, ainda que sejam

no plano do imaginário. Tudo para criar humor, reflexão e crítica social. Desse modo, as charges orientam o leitor a certo grau de argumentativo, mas revelam condições de representações sociais ao fazer isso.

Como aponta Moscovici (2003), as pessoas estão cercadas coletiva e individualmente por palavras, ideias e imagens, quer que sejam atingidas ou não. Nesse sentido, as representações sociais referem-se ao modo como o social expõe crenças que circulam em sociedade. Segundo o autor, elas acabam convencionalizando objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Focalizam em uma determinada categoria que as colocam como um modelo compartilhado. Por essa razão, as pessoas passam a afirmar que a terra é redonda, a cor vermelha está associada ao comunismo etc. Logo, representações sociais implicam em crenças e valores sociais. Contudo, essas convenções que formam as representações são, muitas vezes, inconscientes, as pessoas não percebem que suas crenças, estão de certa forma, vinculadas a uma rede social.

Nós pensamos através da linguagem; nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. Nós vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções. (Ibid)

Como as charges trabalham com fatos do cotidiano, criticando-os por meio de uma opinião cercada de ironia e humor sarcástico, retratam também como uma sociedade analisa esses fatos. Sob esse aspecto, Moscovici (2003) chama a atenção para o funcionamento das representações sociais, afirmando que essas formam um sistema de classificação e de denotação. Dessa forma, na representação, está presente também a rotulação, já que a forma de enxergar e avaliar o mundo implica também em rotulá-lo, uma vez que as pessoas acabam revelando certa teoria sobre os fatos. E ao classificar algo se está automaticamente categorizando.

Nas palavras do autor, representar envolve colocar em certa categoria, “classificar algo significa que nós o confinamos a um conjunto de comportamentos e regras que estipulam o que é, ou não é permitido, em relação a todos os indivíduos pertencentes a essa classe” (Mocovici, 2003). Como destaca o autor, categorizar envolve também em julgamento, escolher paradigmas da memória e atribuir relação positiva ou negativa. Nesse sentido, ao interpretar as charges, o leitor deve perceber o julgamento feito pelo cartunista além de buscar na memória as relações semânticas com as quais se pode produzir sentido.

As charges ou desenhos humorísticos na internet também estão ganhando espaço e fazendo com que as pessoas possam observar algum tipo de crítica (Ferreira, 2010).

Ferreira analisou especificamente um *website* que é o charges.com, e fez observações importantes pois esse gênero tem se tornado mais popular a cada dia na web, principalmente pelo fato de serem facilmente reconhecidas as personalidades por meio das caricaturas.

Ao serem publicadas em jornais de circulação reconhecida e na Internet, as charges, por meio das representações sociais, presentes nelas, torna acessível também uma explicação quanto aos objetos e acontecimentos, numa espécie de “retrato” social daquilo que nem sempre é percebido. Sendo assim, elas têm o papel de informar. Lidam com a consciência coletiva, a partir do momento em que compartilham crenças que circulam em sociedade. De certa forma, assim como as representações sociais, as charges funcionam como uma espécie de denúncia social. Com isso, acabam tendo um caráter de manipulação do pensamento ou ao menos de influência pela crítica social. “As representações sociais se baseiam no dito: ‘não existe fumaça sem fogo’” (Moscovici, 2003). Dentro dessa perspectiva, as charges também se enquadram nesse dito, uma vez que tentam revelar pela “fumaça” da criação das imagens e dos contextos discursivos baseados no simulacro para expressarem um processo de pensamento. Assim, o “fogo escondido” por trás da “fumaça” refere-se a forma de pensamento no ambiente social.

Liberdade de imprensa, ética e liberdade do traço

Os meios de comunicação têm um papel importante para qualquer país na qual atuam. Em relação à imprensa, não se pensa na inexistência e menos na censura, mas sim nos limites para atuação da deste poder (Bobbio, 1999).

A imprensa mantém as pessoas informadas, ajudam a disseminar as informações, participam da formação da opinião pública e ajudam aos países alcançar sua eficiência, porém nem sempre de modo isento e muitas vezes influenciam a sociedade de modo a orientar crenças e valores sociais.

No cotidiano, nem sempre as reportagens são verdadeiras ou foram devidamente pesquisadas e mesmo assim podem ser publicadas. Muitas vezes os jornalistas criam a matéria fazendo uma composição que pode diferir da realidade (Goodwin, 1993).

Quando as informações tendenciosas não expressam a verdade, podem fazer com que pessoas sejam influenciadas a tomar decisões baseadas em informações não verídicas e uma das

formas de se tentar minimizar esses efeitos é por meio de algum tipo de regulamentação na sociedade.

O debate em relação à liberdade de imprensa é frequente nos meios acadêmicos e jornalísticos. Há um repúdio unânime à censura, por parte dos jornalistas e existe a tentativa de controle da imprensa mesmo em países tidos como sendo livres (Nuzzi, 1998).

O tema é complexo, pois há situações nas quais há excessos praticados tanto por parte dos jornalistas como também por parte dos governos e detentores do capital e poder.

Há casos onde o noticiário mostra imagens de mortes, estupros, e a vida social das pessoas aparece com um museu de história natural de horrores e tudo isso causa a agitação popular que faz com que haja aumento de audiência (Costa, 2000).

Surgem os debates que levam ao questionamento no sentido de se entender até que ponto as pessoas estão sendo usadas para aumentar a audiência ou para atender interesses de grupos e não de toda sociedade?

No Brasil, houve a rejeição por meio dos Parlamentares do Congresso Nacional em relação à criação de um Conselho Nacional de Jornalismo considerando-se que a pluralidade das informações não poderia ser regulada por um conselho por meio da vigilância da conduta profissional, mas sim, por meio do mercado. Desta forma, acredita-se que ocorreria uma atuação imparcial e objetiva da mídia na orientação do leitor que, desta forma, seria capaz de fazer as suas escolhas a partir de fatos (Macedo, 2009).

A sociedade por meio de seus representantes busca uma forma de atuação da imprensa que não seja vigiada por algum órgão, mas que seja ética a ponto de respeitar valores e a individualidade e de modo a limitar a questão da liberdade para não prejudicar as pessoas ou indivíduos. As sociedades são diferentes e trabalham de modo diferente. Desta forma, o que funciona num país não necessariamente funciona em outro.

Nos EUA, a primeira emenda da Constituição assegura a liberdade de expressão, ou de imprensa, sem indicar qualquer restrição ao seu pleno exercício. O discurso responsável como também para o irresponsável que podem ocorrer no jornalismo (Eliott, 1986).

No sentido exposto, a colocação em relação à emenda constitucional americana leva a interpretação da validade de forma mais ampla mesmo que prejudiquem pessoas.

Na realidade, há uma contradição entre a defesa de valores universais engendrados pela humanidade em contraposição à dos valores válidos e reconhecidos pela particularidade cultural

de nações e grupos sociais. O oceano de subjetividades está repleto de ondas de interpretações, elas podem variar ao sabor do vento ou do arbítrio daqueles que têm o poder político e econômico (Karan, 1997).

Karan (1997) considera que a ética não pode estar subordinada exclusivamente à cultura nem a critérios pessoais e que é necessária a objetividade, porém será que tal objetividade existe? Para Blaquez (1999) não existe jornalismo objetivo: as notícias são resultado da subjetividade do jornalista e este conta os fatos que viu sob sua óptica e perspectiva. Quando estão a serviço do Estado, podem tornar-se instrumentos de opressão. Nos grupos econômicos aparecem os interesses e desta forma, as matérias são produzidas servindo a tais vieses e os leitores são tratados como sendo simples consumidores do espetáculo. Há também a revolta do público à medida que conhece as técnicas de persuasão usadas para influenciar o público seja por meio de imagens manipuladas, silêncios propositados sobre injustiças flagrantes e toda sorte de manipulações (Blaquez, 1999).

Tudo leva a crer que há subjetividade nas notícias e nem sempre é possível ter a matéria isenta. De forma semelhante, como ficam as imagens apresentadas pela imprensa?

As imagens audiovisuais se constituem atualmente num poder de indiscutível sedução. Imagens tendem a substituir conceitos intangíveis. Em geral, as pessoas consideram mais importante o que vêm em relação ao que entendem por meio da análise (Ibid).

A ideia de Blaquez é no sentido de que as representações e aparências substituem a compreensão das pessoas e as imagens se tornam referenciais. A imagem alcança mais rapidamente as pessoas e o aspecto histórico como considera Vygotsky (2008) e isso pode fazer com que as pessoas aprendam com mais facilidade. Por este motivo, as charges que são imagens, têm dois vieses: o das representações e o da aprendizagem sócio-histórica.

No caso do traço que é realizado nas charges, a linguagem é produto histórico, que traz representações, significados e valores que estão presentes em um grupo social e como tal é veiculada como ideologia do grupo enquanto para o indivíduo é também condição necessária para o desenvolvimento de seu pensamento (Lane, 2001).

Os traços trazem consigo sentidos e incentivos que levam as pessoas a enxergarem coisas que os chargistas desejam e quando passados para o espaço virtual, a velocidade de propagação bem como a quantidade de leitores pode ser aumentada substancialmente. Nas linhas seguintes, procura-se falar sobre as relações do espaço cibernético com as charges.

O espaço cibernético das charges

A fim de se dar andamento às análises a serem realizadas no âmbito deste artigo, torna-se importante abordar, mesmo que de maneira bastante breve as noções de *ciberespaço* e *cibercultura*.

Para abordar a noção de ciberespaço, um ponto deve, de antemão, estar bastante claro: não se trata de espaço surgido para acabar com o espaço a ele anterior (como, por exemplo, se chegou a dizer que a televisão acabaria com o rádio), ou seja, o espaço físico, por assim dizer. Na verdade, como a história tem demonstrado, é um espaço que vem beber nas águas do anteriormente constituído, embora, realizando transformações quando de sua utilização. Pode-se, então, dizer que o ciberespaço realiza projeção e assimilação do espaço geográfico, em ação, por assim dizer, de dialogismo, em viés bakhtiniano.

Para o que interessa aos objetivos deste trabalho, tendo em vista os acontecimentos relacionados ao Jornal, é importante ressaltar que o ciberespaço, muitas vezes relacionado ao ambiente da internet, mas sem se confundir com ele, permite que relações ali desenvolvidas causem repercussão também no espaço físico, no mundo real. Assim, as relações sociais que, anteriormente, se davam de forma presencial, em um espaço real, com repercussões muitas vezes limitadas a um dado local e a um determinado período temporal, podem ver suas fronteiras relativizadas e suas consequências estendidas no tempo.

Evidentemente, no que se refere ao fator temporal, o oposto ao mencionado no parágrafo anterior também pode ocorrer, ou seja, em razão da relativização causada por esse novo espaço, a sobreposição de informações e de fenômenos sociais tende a acarretar o envelhecimento precoce de informações. Assim, apesar da grande comoção causada pelo atentado ao Jornal, é provável que, em breve, sua repercussão seja cada vez menos evidente. Por outras palavras, para o bem ou para o mal, há que se perceber o incremento da agilidade e da liberdade acarretadas na comunicação social à medida que evolui a prática no âmbito do espaço virtual. Trata-se, portanto, da democratização dos meios de comunicação e da relativização do espaço, as quais, como consequências, incrementam a polêmica e o forte embate de opiniões, que podem se limitar ao mundo cibernético, mas também “respingar” no mundo real.

Pode-se, então, pensar, como mencionado, o ciberespaço como espaço virtual, que pode, ou não, ter correspondência com o espaço, por assim dizer, físico. Pensando dessa maneira, é possível ver correspondências, por assim dizer, metafóricas entre esses ambientes, como as noções já pisadas e repisadas de rede, de tráfego, de comunidades, de grupos de interesses. A lista seria bastante longa. É, contudo, ao contrário do espaço físico, um espaço praticamente sem fronteiras e em que predomina o imediatismo, na visão literal desse termo.

Se no mundo físico um texto corriqueiro (um bilhete, um aviso, um jornal local, por exemplo) tende a circular em um grupo relativamente restrito de pessoas, causando impactos proporcionais à esfera de circulação desse material, no ambiente virtual, a questão tende a se tornar mais complexa, já que, como mencionado, a velocidade de circulação é infinitamente superior que a do mundo físico e a facilidade de acesso e de recuperação da informação é de cálculo complexo.

Para Levy (1999), “a palavra virtual é muitas vezes empregada para significar a irrealidade — enquanto a “realidade” pressupõe uma efetivação material, uma presença tangível”. No campo das charges, o que se observa, entretanto, é o virtual representado pelo traço imagético relacionado a uma “realidade” dos fatos, isto é, uma vinculação com os acontecimentos do cotidiano. Para construir esse virtual, o cartunista usa ferramentas gráficas do campo da cibernética, principalmente, se a charge é veiculada no espaço cibernético. Vale destacar aqui as inúmeras charges com movimentos que circulam na internet.

Decorrente do conceito de ciberespaço está o conceito de cibercultura. Como se trata de cultura, é possível dizer que consiste, como esse conceito ressalta, em meios (*lato sensu*) aceitos em uma dada sociedade. Tais meios consistem, por exemplo, em técnicas, em práticas e modos de pensamento, tudo isso perpassado pelos valores aceitos por determinado grupo social.

No caso específico do conceito aqui apresentado, tais recursos passam a se ligar à interconexão mundial proporcionada pela cibernética, pela rede mundial de computadores. Por outras palavras, o surgimento e o desenvolvimento dos recursos de informática e mesmo de comunicação levaram à democratização e à expansão de práticas culturais ou mesmo de informações nascidas, muitas vezes, no âmbito de pequenos grupos, mas que acabam por tomar proporções mundiais, tendo em vista as facilidades de comunicação ainda em franco desenvolvimento.

Vive-se um período em que todas as inovações (positivas ou negativas) ocorridas ao longo dos anos de nossa história pós-revolução industrial até os dias de hoje parece estarem jorrando bem dentro dos computadores e aparecendo nos monitores. O que até então acontecia no mundo físico, como as grandes navegações, a colonização, os ataques de um país a outro, as doenças causadas por vírus, tudo isso (de forma abrupta e atualizada) tem entrado em máquinas informatizadas, com uma velocidade estonteante, e causado, muitas vezes, danos maiores do que aqueles que ocorreriam no mundo físico.

Observando-se a questão a partir de um ponto de vista positivo, consequências positivas também são decorrentes desse processo (ainda inacabado e em constante evolução) da construção do que se convencionou denominar ciberespaço e cibercultura. Para se falar do simples e do corriqueiro, em tempos ainda não muito remotos, para que se pudesse rever algum documentário exibido por alguma emissora de televisão, era necessário contar com a boa vontade da emissora em atender algum pedido de sua audiência e em exibir novamente esse material.

Atualmente, contudo, basta acessar a internet e buscar, seja em sites de busca, seja no próprio Youtube, o vídeo desejado. Isso para não mencionar a agilidade da troca de “cartas”, que, em tempos idos, demandava tempo e, atualmente, é quase instantânea.

Considerando, como mencionado no parágrafo anterior, a questão a partir do lado positivo da cibercultura e do ciberespaço, pode-se aplicar esses conceitos ao que consiste no *corpus* deste trabalho: a charge enquanto gênero discursivo e o que ocorreu com o Jornal, bem como toda a polêmica causada em torno da atuação da imprensa em assuntos polêmicos. Pode-se aventar a hipótese de que, como a cultura cibernética não observa espaços físicos (do mundo real, portanto), muito do que foi causado pelo Jornal, em razão da cultura por ele defendida e da cultura por ele combatida, não teria ocorrido em tempos anteriores, uma vez que sua área de circulação tenderia a ser menor do que a atual, interagindo com menos grupos sociais do que na atualidade.

Comparativamente, pode-se apontar para a existência, no Brasil dos Anos de Chumbo, do jornal Pasquim. Como se sabe, foi veículo de grande fama durante sua vida, basicamente por sua filosofia de trabalho: a irreverência em uma época de repressão. Em sua época de circulação, não havia toda a tecnologia de transmissão de informações, o que levou o jornal a ter circulação relativamente restrita. Certamente, se estivesse em circulação nos dias de hoje, sua atuação seria infinitamente maior, de forma até comparável à do Jornal aqui analisado.

Outra comparação que pode ser feita no que tange ao mundo atual e ao mundo antes do advento da internet é que, no Brasil, a Lei de Introdução ao Código Civil de 1916 determinava que, não havendo determinação expressa, uma lei somente entrava em vigor após transcorridos 45 dias de sua publicação. Isso se dava porque o centro produtor de leis, no País, era a cidade do Rio de Janeiro. Assim, havendo uma lei federal, portanto, de abrangência nacional, deveria ser conhecida também no estado do Amazonas, por exemplo. Essa publicação demandava tempo.

Atualmente, esse período tem se reduzido, tendo em vista as facilidades de comunicação acarretadas pela rede mundial de computadores, o que leva uma lei aprovada “aqui e agora” no Congresso Nacional a ser conhecida também “aqui e agora” nacionalmente.

Enfim, a presença e o desenvolvimento do ambiente virtual trouxe para a convivência social um incremento na circulação de informações e de culturas, a qual pode se dar de maneira pacífica ou conflituosa, gerando atitudes as mais diversas entre os participantes do processo comunicacional, que deixa de ser local e passa a ser mundial.

Os fatos que ocorreram com o Jornal, e a sequência dos apontamentos realizados, no âmbito do presente trabalho permitirão desenvolver de maneira mais detalhada as noções aqui meramente apresentadas.

Metodologia

A observação de charges e suas repercussões se tratam de ocorrências sociais. Os fatos sociais dificilmente podem ser tratados como coisas, pois são produzidos por seres que sentem, pensam, agem e reagem, sendo capazes, portanto, de orientar a situação de diferentes maneiras (Gil, 2008). No presente estudo, faz-se uso da análise de charges de internet que foram criadas por cartunistas do jornal Charlie Hebdo.

A pesquisa social pode ser qualitativa e baseada em documentos e comunicação em massa. Os documentos de comunicação de massa, tais como jornais, revistas, fitas de cinema, programas de rádio e televisão, constituem importante fonte de dados para a pesquisa social. Possibilitam ao pesquisador conhecer os mais variados aspectos da sociedade atual e também lidar com o passado histórico. Neste último caso, com eficiência provavelmente maior que a obtida com a utilização de qualquer outra fonte de dados e esses documentos podem ser úteis no âmbito das ciências políticas, da sociologia e da psicologia (Ibid).

O trabalho com a pesquisa social qualitativa pode ser específico de um caso. Um estudo de caso é um tipo de trabalho no qual se busca o aprofundamento em relação ao tema buscando conhecer e explicar um caso específico que pode ser de uma instituição, um fenômeno ou pessoa (Yin, 2010, Ludke; Aandré, 2013).

A escolha do caso se deveu à grande repercussão e comoção que ocorreu em nível mundial e desta forma, torna-se interessante que se reflita sobre o fenômeno.

Para realização do presente estudo, se fizeram os levantamentos de dados das charges pela Internet, no ciberespaço e encontrou-se material em boa quantidade, o que mostra que houve um grande impacto na sociedade.

Estudo de caso: *Je sui Charli*

O estudo foi centrado nas charges que deram origem à situação conflitante entre os desenvolvedores e extremistas islâmicos. A Figura 1 apresenta uma das charges de capa do Charlie Hebdo que provocaram a ira dos maometanos: capa do jornal 'Charlie Hebdo' satirizou o profeta Maomé com a frase “*100 coups de fouet, s'vous n'êtes pas norts de rire!*”, "100 chicotadas se você não está morrendo de rir", levando o leitor a comparar o grau de risibilidade das charges da revista com o sacrifício de receber 100 chicotadas. É sabido que chicotadas são um dos tipos de castigo mais frequentes no Afeganistão, regidos pela lei islâmica. Sendo assim, é preciso que o leitor ative esse conhecimento prévio de sua memória discursiva para que a frase seja interpretada.

A comparação semântica, nesse caso, é irônica e faz alusão a crença de que é um tipo de “absurdo” não rir das charges da revista. Nesse sentido, observa-se também a autocrítica ou uma espécie de convencimento da revista em se considerar como incapaz de não conseguir tirar risos dos leitores, ao mesmo tempo em que vulgariza, dessa forma, uma das leis islâmicas.

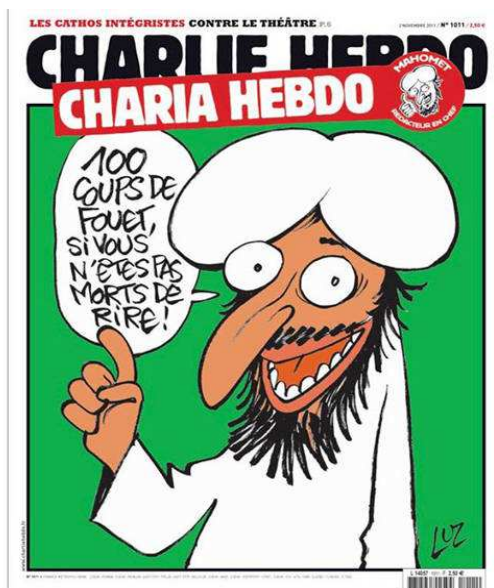


Figura 1 – As cem chicotadas.

Fonte: <http://f.i.uol.com.br/fotografia/2015/01/07/471146-600x600-1.jpeg>.

A ideia dos cartunistas do CH era vulgarizar o Islã de modo que ficasse semelhante à Igreja Católica que já estaria banalizada. Dessa forma, esses desenhistas procuram fazer charges que ridicularizam o islã e colocam essa questão de forma aberta sabendo que estava arriscando, no caso dos atentados e ameaças, a própria vida.

Na capa de um especial da Charlie Hebdo há uma charge e matéria com a ‘biografia’ de Maomé. A primeira parte de “A vida de Maomé” tem o nome de ‘o início de um profeta’ e a segunda, de ‘o profeta do Islã’ (Figura 2). Observa-se que ao inserir as duas imagens em sequência, o cartunista induz o leitor a estabelecer uma comparação entre os conteúdos linguísticos e imagéticos da charge. Nesse caso, é possível verificar a irônica comparação entre a vida de Maomé, como “pastor” e a atual condição de membros terroristas que também servem a Maomé, o que leva o leitor a relacionar os princípios da religião maometana e os grupos terroristas que fazem civis de reféns. Essa observação pode ser notada pela imagem da segunda charge, em que a espada nas mãos incita a relação com os grupos terroristas. Nesse sentido, cabe ao leitor ativar o conhecimento prévio sobre a atuação dos grupos terroristas e as constantes lutas acerca de questões políticas e religiosas, envolvendo o Islamismo.

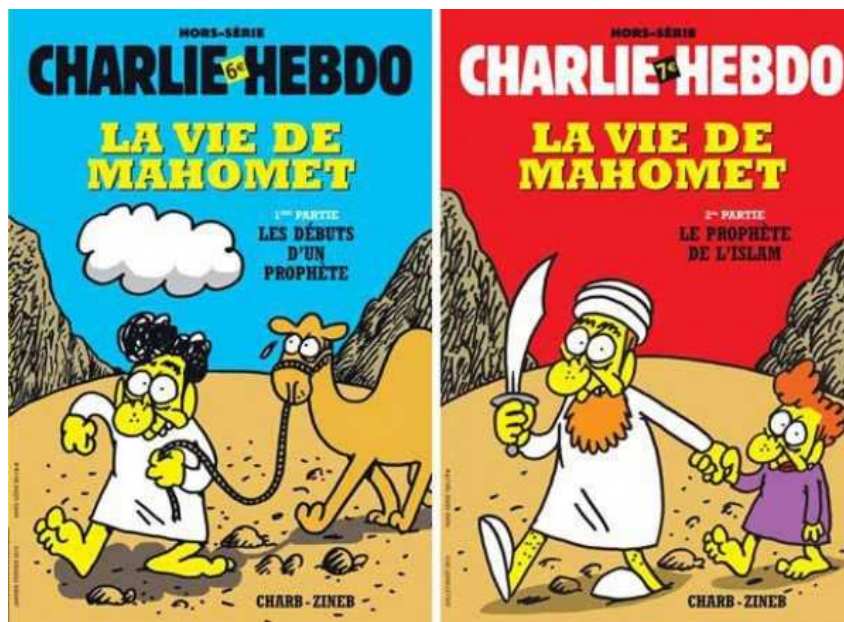


Figura 2 – Charges de capa satirizando a vida de Maomé.

Fonte: <http://www.insoonia.com/charges-do-jornal-frances-alvo-de-atentado-terrorista-charlie-hebdo/>.

Verifica-se o modo vexatório com que são retratados os personagens, todos com andar desengonçado e expressando sua agressividade de modo semelhante a seres sem cultura. No atentado de 2011, feito ao Charles Hebdo, houve a seguir a publicação da charge apresentada na Figura 3. A frase “*L’amour plus fort que la haine*”, “o amor mais forte que o ódio”, em Português, revela a irônica relação de denúncia dos fatos dos ataques terroristas feita pelos cartunistas, cujo papel é criticar os fatos nas charges e a imagem do povo islã. A relação de amor e ódio é expressa na frase “o amor mais forte que o ódio”, demonstrando certo “amor” entre o islã e a dura crítica do Charlie Hebdo.

É sabido que o cartunista, por ter “liberdade” de expressão realiza críticas, segundo sua opinião e também segundo a opinião pública acerca dos fatos. Dessa forma, as vozes nas charges se misturam. Dificilmente se consegue distinguir com precisão o que faz parte da opinião ou intencionalidade coletiva e o que consiste realmente em opinião do cartunista. Isso posto, esses profissionais revelam pela liberdade do traço também a denúncia que certa cultura faz sobre os acontecimentos ou notícia. O fato de o amor ser mais forte do que o ódio sugere, contudo, que embora haja críticas em tons de denúncia social, a revista não incita o ódio entre culturas, apenas utiliza o humor negro, muitas vezes, para fazer rir e expor opinião.



Figura 3 – Amor mais forte que o ódio.

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/jornais-europeus-se-dividem-sobre-publicacao-de-charges-de-charlie.html>

Tais imagens provocaram reações furiosas de alguns muçulmanos quando foram publicadas originalmente pela revista Charlie Hebdo, e imagens dos assassinatos na redação da publicação francesa mostraram atiradores gritando "Vingamos o profeta Maomé", "Se Maomé voltar ... Eu sou o Profeta idiota! Cale a boca, infiel!", nesse enunciado, a crítica recai sobre os grupos terroristas, que embora pertencentes da religião islã, realizam atos contrários aos princípios humanitários, muitas vezes da própria religião, aos olhos do cartunista. Isso pode ser observado pelos enunciados: "Eu sou o profeta, idiota!" e "Cale a boca, infiel". O termo "infiel" evidencia essa quebra de expectativa gerando o humor (Figura 4), posteriormente, foram todas publicadas na Web.



Figura 4 – Vingança em relação ao profeta Maomé.

Fonte: <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/jornal-dinamarques-publica-caricaturas-do-charlie-hebdo>.

Mais uma capa de revista com charges que provocaram a ira dos muçulmanos e provocaram a reação. Nesta imagem de capa do Charlie Hebdo, um muçulmano é empurrado numa cadeira de rodas por um judeu ortodoxo, o que se constitui numa ofensa para o muçulmano (Figura 5).



Figura 5 – Imagem de um muçulmano sendo empurrado em cadeira de rodas.

Fonte: <http://opiniaoenoticia.com.br/wp-content/uploads/charlie-3.jpg>

A ideia é que o cadeirante, do desenho, precisa da ajuda de alguém generoso para que possa se locomover. A pessoa generosa parece ser justamente alguém que estaria em conflito

com o muçulmano e isso leva a interpretação de uma forma de agressão, muito embora aos olhos de um leitor comum não envolvido, isso possa parecer engraçado. Uma matéria sobre o Charlie Heddo (disponível em: <http://emtomdemimimi.blogspot.com.br/2015/01/je-ne-suis-pas-charlie.html>) conta que:

A Charlie Hebdo é uma revista importante na França, fundada em 1970 e identificada com a esquerda pós-68. Não vou falar de toda a trajetória do semanário. Basta dizer que é mais ou menos o que foi o nosso Pasquim. Isso lá na França. 90% do mundo (eu inclusive) só foi conhecer a Charlie Hebdo em 2006, e já de uma forma bastante negativa: a revista republicou as charges do jornal dinamarquês Jyllands-Posten (identificado como “Liberal-Conservador”, ou seja, a direita européia). E porque fez isso? Oficialmente, em nome da “Liberdade de Expressão”, mas tem mais...

O editor da revista na época era Philippe Val. O mesmo que escreveu um texto em 2000 chamando os palestinos (sim! O povo todo) de “não-civilizados” (o que gerou críticas da colega de revista Mona Chollet – críticas que foram resolvidas com a saída dela). Ele ficou no comando até 2009, quando foi substituído por Stéphane Charbonnier, conhecido só como Charb. Foi sob o comando dele que a revista intensificou suas charges relacionadas ao Islã – ainda mais após o atentado que a revista sofreu em 2011.

Uma pausa para o contexto. A França tem 6,2 milhões de muçulmanos. São, na maioria, imigrantes das ex-colônias francesas. Esses muçulmanos não estão inseridos igualmente na sociedade francesa. A grande maioria é pobre, legada à condição de “cidadão de segunda classe”. Após os atentados do World Trade Center, a situação piorou. Já ouvi de pessoas que saíram de um restaurante “com medo de atentado” só porque um árabe entrou.

Ainda em relação à revista Charlie Hebdo: um cartoonista brasileiro, Ziraldo, estava chamando pela internet, os cartunistas mortos de “heróis”. O Diário do Centro do Mundo (DCM) os chamou de “gigantes do humor politicamente incorreto”. No Twitter, muitos chamaram de “mártires da liberdade de expressão”. Vou colocar na conta do momento, da emoção. As charges polêmicas do Charlie Hebdo são de péssimo gosto, mas isso não está em questão. O fato é que elas são perigosas, criminosas até, por dois motivos.

O primeiro é a intolerância. Na religião muçulmana, há um princípio que diz que o profeta Maomé não pode ser retratado, de forma alguma. (Isso gera situações interessantes, como o filme A Mensagem – Ar Risalah, de 1976 – que conta a história do profeta sem desrespeitar esse dogma – as

soluções encontradas são geniais!). Esse é um preceito central da crença Islâmica, e desrespeitar isso desrespeita todos os muçulmanos. Fazendo um paralelo, é como se um pastor evangélico chutasse a estátua de Nossa Senhora para atacar os católicos. O Charlie Hebdo publicou a seguinte charge (Figura 6).

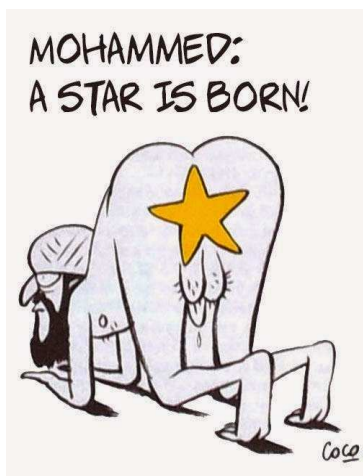


Figura 6 – Imagem mostrando uma forma de ridicularizar.
Fonte: <http://emtomdemimimi.blogspot.com.br/2015/01/je-ne-suis-pas-charlie.html>

Qual é o objetivo disso? O próprio Charb falou: “É preciso que o Islã esteja tão banalizado quanto o catolicismo”. Ok, o catolicismo foi banalizado. Mas isso aconteceu de dentro pra fora. Não nos foi imposto externamente. Note que ele não está falando em atacar alguns indivíduos radicais, alguns pontos específicos da doutrina islâmica, ou o fanatismo religioso. O alvo é o Islã, por si só. Há décadas os culturalistas já falavam da tentativa de impor os valores ocidentais ao mundo todo. Atacar a cultura alheia sempre é um ato imperialista.

Na época das primeiras publicações, diversas associações islâmicas se sentiram ofendidas e decidiram processar a revista. Os tribunais franceses – famosos há mais de um século pela xenofobia e intolerância – deram ganho de causa para a revista. Foi como um incentivo. E a Charlie Hebdo abraçou esse incentivo e intensificou as charges e textos contra o Islã. Mas existe outro problema, ainda mais grave.

A maneira como o jornal retratava os muçulmanos era sempre ofensiva. Os adeptos do Islã sempre estavam caracterizados por suas roupas típicas, e sempre portando armas ou fazendo alusões à violência (quantos trocadilhos com “matar” e “explodir”). Alguns argumentam que o alvo era somente “os indivíduos radicais”, mas a partir do momento que somente esses indivíduos são mostrados, cria-se uma generalização. Nem sempre existe um signo claro que indique que aquele

muçulmano é um desviante, já que na maioria dos casos é só o desviante que aparece. É como se fizéssemos no Brasil uma charge de um negro assaltante e disséssemos que ela não critica/estereotipa os negros, somente aqueles negros que assaltam...”. Sabemos que isso não é verdade e por isso é preciso termos mais cuidado com as questões éticas por um lado e o incentivo à tolerância do outro, para que se alcance estados convivência sustentáveis.

Considerações Finais

É interessante que se trabalhe da melhor forma possível com a ética no jornalismo incluindo a questão das charges tanto na mídia impressa como no ciberespaço.

Realizou-se uma pesquisa qualitativa de fonte indireta de jornalismo de massa, no ciberespaço, na qual se verifica o emprego de charges com finalidades que os próprios cartunistas consideravam que era a desmoralizar o Islamismo enquanto religião.

Observa-se que as charges ou desenhos humorísticos apresentados no presente estudo foram coletadas no ciberespaço e que neste meio de comunicação, as informações se disseminam de forma muito mais rápida que na mídia de papel tradicional.

Há uma questão ética se contrapondo à questão da liberdade de imprensa.

Verifica-se que nas colocações feitas nas charges há uma constante preocupação em ridicularizar os muçulmanos e os cartunistas captam esse sentimento existente numa camada populacional não-muçulmana.

Tudo leva a crer que os cartunistas criavam seus trabalhos intencionalmente, sabendo que estavam arriscando suas vidas por haver a possibilidade de se ter pessoas radicais entre os leitores, muito embora tais pessoas possam não representar a grande massa dos leitores que seguem a religião muçulmana.

É preciso que a sociedade reflita sobre os acontecimentos buscando formas de melhorar a comunicação entre as pessoas.

Referências

Blaquez, Niceto. (1999). *Ética e meios de comunicação*. São Paulo: Paulinas.

- Bobbio, Norberto. (1999). *Dicionário de Política*. 12. ed. Brasília: editora da UnB.
- Elliott, Deni. (1986) *Jornalismo versus privacidade*. Rio de Janeiro: Nordica.
- Ferreira, Marcos Rogério. (2010). Editorial animado na Internet: visão crítica das notícias através do site charge.com. *Diálogo e Interação*. 2 (1):1-8. Disponível em:
<<http://www.faccrei.edu.br/files/revista/anexo/32/diartigos34.pdf>>. Acesso em 18 abr. 2015.
ISSN: 2175-3687.
<http://www.faccrei.edu.br/dialogoeinteracao>
- Gil, Antonio C.(2008). *Métodos e técnicas em pesquisa social*. 6.ed. São Paulo: Atlas.
- Goodwin, Eugene.(1993). *Procura-se ética no jornalismo*. Rio de Janeiro: Nordica.
- Karan, Francisco J. (1997). *Jornalismo, ética e liberdade*. São Paulo: Summus.
- Lane, Silvia T. M. (2001). *Consciência/alienação: a ideologia nível individual*. In: LANE, Silvia T. Godo, Wanderley. (2001). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- Jodalet, Denise. (2009). *Representações sociais: um domínio em expansão*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.
- LEVY, Pierre. (1999). *Cibercultura*. Trad. Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- Ludke, Menga & André, Marlie E. D. A. (2013). *Pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: EPU.
- Macedo, Silvia M. *Liberdade de Imprensa e Democracia: a atuação da Câmara dos Deputados*. (2009). Dissertação (Mestrado) apresentada ao Instituto de Pesquisas Universitárias do Rio de Janeiro e ao Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara dos Deputados como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política.
- Moscovici, S.(2009). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Nuzzi, Erasmo de F. & Barros Filho, Clóvis. (1998). *Globalização, mídia e ética: temas para debate em cursos de comunicação social*. São Paulo: Plêiade, 1998.
- Silva, Vanise C. Da Lei à ética: mecanismos de limitação da liberdade de imprensa. *Diálogos possíveis*, julho/dezembro 2006.
- Vygotsky, Lev S. (2008). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Yin, Robert K. (2010). *O estudo de caso*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman.